

Funaro encerra os contatos nos EUA

WASHINGTON (da enviada especial) — O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, fez ontem seu último contato com autoridades americanas. Ele disse aos cinco interlocutores do governo dos Estados Unidos, com quem reuniu-se durante dois dias, que o Brasil não pode submeter-se a um programa de ajuste externo, para gerar crescentes saldos comerciais, como no passado. Acrescentou que, sendo assim, o País só honrará seus compromissos externos, na medida em que puder fazer saldos em sua balança comercial, ou receber novos empréstimos.

O ponto de discussão que gerou polêmica nos EUA e que foi colocado pelo Presidente do Banco Mundial, Barber Conable ontem é a inexistência de um programa econômico brasileiro. Funaro insistiu que esse programa existe, mas as autoridades americanas afirmam o contrário. A imprensa internacional instalada em Washington, cobrou consistentemente a definição desse programa, mas o Ministro afirmou sempre sua existência.

O Ministro reconheceu que nada leva de concreto de seus contatos nos EUA, mas demonstrou despreocupação com relação ao fato, dizendo que não esperava definições destes encontros iniciais. Ele informou que as autoridades americanas já concordam com a tese brasileira, de que o País precisa crescer e para isso importar mais. Não há consenso apenas com relação ao mecanismo de financiamento da dívida brasileira, conforme afirmou Funaro.

Para o Ministro, o mais importante é que as autoridades reconheceram a necessidade de reavaliar o sistema que acabou levando o Brasil a tomar a decisão de suspender o pagamento de juros. "Os credores precisam ter uma visão de longo prazo e de horizonte", disse o Ministro, acrescentando que o Presidente Jose Sarney deu-lhe a missão de provocar a discussão sobre a dívida.

Ontem pela manhã Funaro tomou café com repórteres do Washington Post, Financial Times, agencia Reuters e do Wall Street Journal. O interesse da imprensa centrou-se no congelamento dos créditos de curto prazo nas agências dos bancos brasileiros no exterior. O Presidente do Banco Central, Francisco Góes, que acompanha Funaro na viagem, deu a explicação. Não se trata, segundo ele, de congelamento, mas apenas do impedimento de saque dos créditos nas agências brasileiras como era permitido antes. "É uma questão de segurança para o País", disse Funaro.

Ontem, Funaro encontrou-se com Conable pela manhã e partiu para Londres. Resfriado e rouco, mas demonstrando boa disposição.